

O que é Filosofia?

Gordon Haddon Clark

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto

OS PRÉ-SOCRÁTICOS

A filosofia grega começou em 28 de Maio de 585 a.C., às 6:13 da noite.

O que é Filosofia?

Por detrás dessa afirmação parcialmente séria e parcialmente cômica se escondem vários problemas desconcertantes, que requerem algumas considerações introdutórias. O estudante principiante pergunta: O que é filosofia? É verdade que não existia nenhuma antes de 585 a.C.? E por qual razão misteriosa ela começou precisamente às 6:13 da noite?

As duas primeiras perguntas estão intimamente relacionadas. Certamente algo que não existia previamente estava em evidência após 585 a.C.; mas se ou não esse algo novo era filosofia é uma questão de definição. A opinião popular usualmente conecta a palavra “filosofia” com um estilo de vida. A frase com a qual, mais do que qualquer outra, a maioria das pessoas tem se deparado com essa palavra é a frase “uma filosofia de vida”. Ordinariamente isso significa algo desde o viver habitual impensado dos indivíduos menos inteligentes, incluindo os princípios deliberadamente escolhidos por homens de negócios, até as convicções daqueles que resolutamente voltam suas costas para os interesses desse mundo e se retiram para monastérios ou ganham a reputação de videntes por praticar Ioga. Nesse sentido, Salomão e Abraão tinham uma filosofia; isso não era algo novo em 585 a.C.

Tentando lembrar outros significados e frases que ocorrem na literatura, alguém pensa na pedra dos filósofos, da alquimia, da mágica e dos segredos da natureza. Filósofos são reputados como homens eruditos. Eles conhecem muita coisa. Mas os homens que conhecem muita coisa sobre botânica são chamados de botânicos ao invés de filósofos. Físicos conhecem muita coisa, também. Portanto, o conhecimento que caracteriza os filósofos deve ser de outros assuntos que não botânica, química ou ciência política. Mas se alguém tivesse que colocar de lado todos esses assuntos especiais de conhecimento, restaria algo para ser o tema da filosofia? Geologia é o estudo das rochas. Teologia estuda Deus. O que, então, é deixado para a filosofia? Filosofia é o conhecimento de nada? Visto que isso é desrespeitoso, talvez filosofia seja o conhecimento de tudo. Mas não; algo ainda está errado. Mesmo na Grécia antiga, quando não havia tanto para ser conhecido como agora, não é provável que alguém conhecesse tudo. Certamente ninguém conhece tudo, e, todavia,

existem filósofos. Pelo menos há homens que escrevem sobre filosofia. O que ela é então?

Talvez a definição menos enganosa seria aquela que filosofia é o que esse livro discute. Ela inclui geologia, astronomia, química e teologia. Num sentido o tema da filosofia é de fato tudo. Isso inclui uma filosofia de vida, também. Mas um filósofo não é suposto conhecer todos os detalhes de tudo. Antes, ele estuda princípios gerais e conecta as ciências especiais umas com as outras. O homem que conhece tudo sobre plantas não é esperado conhecer como a botânica afeta a ciência política; o químico não presta nenhuma atenção à relação da química com a lingüística; um bom psicologista não precisa ser um expert em economia. Todavia, todas essas ciências estão de certa forma relacionadas umas com as outras. E essa é uma maneira preliminar de descrever filosofia.

Outra forma vem de Aristóteles. Um dos maiores filósofos de todos os tempos, Aristóteles discute lógica, física, psicologia, biologia, ética e política; mas ele tem também um volume sobre *Primeira Filosofia*. Cada uma dessas ciências particulares trata de certos objetos ou seres e ignora outros; isto é, as ciências particulares estudam os seres como qualificados de maneiras particulares. Mas *Primeira Filosofia* estuda os seres como tais – não-qualificados, simplesmente seres. Os editores de Aristóteles renomearam o livro para *Metafísica*. Se filosofia for definida como o que o presente volume discute, ela incluirá tanto metafísica como astronomia e psicologia também.

Outra questão introdutória é essa: se a filosofia tem continuado desde 585 a.C. até o presente, porque uma pessoa não deve começar com a filosofia como ela é agora, antes do que gastar tempo com teorias antiquadas? Por que uma pessoa deve estudar a história da filosofia, quando ela pode estudar a filosofia em si? Se o assunto diz respeito às interconexões entre as várias ciências, por que não estudar aquelas relações como realmente são, ao invés de como elas foram usadas há dois mil anos atrás? A resposta é que a história da filosofia não é uma perda de tempo. A partir de um ponto de vista cultural, deixando totalmente de lado a sua utilidade para os estudantes graduados de filosofia, um pouco de Platão e Aristóteles é algo muito agradável de se ter. A partir de um ponto de vista pedagógico, a história da filosofia capacita o estudante a ver os problemas em suas formas mais simples. Esses problemas têm se tornado excessivamente complexos nos tempos modernos, muito complexos para lições iniciais. Embora alunos em escolas primárias e secundárias não percebam isso, eles aprendem matemática em seu desenvolvimento histórico. Aritmética e geometria foram as primeiras partes da matemática a serem desenvolvidas. Elas foram iniciadas pelos filósofos gregos. Geometria analítica e cálculo apareceram no século dezessete. A maioria dos estudantes colegiais nunca chega a conhecer a matemática moderna; e aqueles que o fazem, não poderiam ter aprendido suas complexidades sem ter estudado primeiro o que os gregos descobriram cinco séculos antes de Cristo. Além do mais, assim como a aritmética e a geometria permanecem totalmente modernas a despeito da origem grega delas, assim também os problemas da filosofia, quer em sua forma moderna extremamente complexa ou em sua vestimenta grega mais simples, são os mesmos problemas. Dizer que o estudo da filosofia deveria ser preferido ao estudo da história da filosofia, é uma falsa disjunção. A história da filosofia é filosofia.

OS MILESIANOS

O que então, existiu após 585 a.C. mas não antes, e começou na hora ridícula de 6:13 da noite? Foi naquele dia que ocorreu um eclipse do Sol. Certamente, eclipses solares vinham ocorrendo de tempos em tempos, mas a nova característica foi que esse tinha sido predito por Tales, um astrônomo de Mileto, em Ionia. Registros de fenômenos celestiais tinham sido guardados por séculos pelos sábios orientais, mas agora pela primeira vez Tales tinha descoberto uma regularidade nessas ocorrências, tinha formulado uma lei, e tinha testado sua formulação com uma predição bem sucedida.¹ Juntamente com outras especulações de Tales, isso é chamado de filosofia. Ela não tinha existido previamente.

Unidade e Multiplicidade

Numa geração posterior, a geração de Johannes Kepler por exemplo, a formulação de uma lei astronômica teria sido considerada como um triunfo da astronomia, mas dificilmente teria sido chamada de filosofia. Uma razão para isso é que a filosofia deu nascimento às ciências especiais. Quando essas cresceram até a maturidade, tornaram-se especializadas, e cresceram em detalhe, elas deixaram a casa paterna e se estabeleceram por si mesmas. No tempo de Tales, contudo, não havia ciências especiais, e foi a sua sorte iniciar tanto a ciência como a filosofia.

A lei pela qual os eclipses solares tinham sido preditos é ela mesma um exemplo de ambas [ciência e filosofia]. Pois embora essa lei, diretamente aplicável ao Sol, Luz e Terra, fosse indubitavelmente astronomia, todavia, mais fundamentalmente era uma lei, um exemplo de universalização; e é essa característica que a separa como o grande evento da época. Os sábios do Oriente tinham coletado dados astronômicos em profusão, mas nunca tinham reduzido esses itens desconexos de informação a uma forma ordenada e unitária. A filosofia começa com a redução da multiplicidade à unidade.

As ciências também reduzem as suas multiplicidades à unidade. Kepler registrou as posições de todos os planetas muitas vezes. Seu gênio consistiu em arranjar essa grande quantidade de detalhes de forma que uma uniformidade emergiria. Ele mostrou que todos os planetas se moviam da mesma forma – em elipses com seus raios vetores abrangendo áreas iguais em tempos iguais. Isso é uma unificação da multiplicidade. Se o assunto é suficientemente separado, ele é chamado de ciência; se ele ainda é geral em comparação com o estado de conhecimento no tempo, ele é chamado de filosofia. Tales, portanto, foi o inventor de ambas.

Se Tales não tivesse especulado sobre nada senão eclipses, talvez a história tivesse listado-o como um astrônomo somente, embora a idéia de lei tenha um significado amplo. Mas Tales também tentou impor unidade sobre a

¹ Astrônomos modernos calculam que esse eclipse começou após as 6:00 da noite, na Ásia Menor. Não deve ser suposto que Tales predisse o minuto, a hora ou até mesmo o dia. Se ele tivesse especificado apenas o mês, ele já teria feito algo consideravelmente notável.

multiplicidade encontrada por todo o universo. Além do Sol há os planetas e estrelas; sobre a Terra há montanhas, oceanos e seres humanos; há tempestades, terremotos e estações; há vida, sensação e morte; e em adição, toda a variedade de qualidades comuns desde o sabor das olivas até a aurora rosado ou o peso do escudo de Aquiles. Há alguma unidade em tudo isso?

A questão que parecia mais óbvia para Tales e seus sucessores mais contemporâneos era: Como essa multiplicidade ordenada chegou à existência? Do que tudo isso é feito? O mundo parece ser feito de uma variedade infinita de coisas – plantas, animais, nuvens e montanhas; mas obviamente muitas dessas coisas são similares em composição. Visto que os homens comem plantas e animais, o corpo humano deve conter os mesmos materiais dos quais as plantas e os animais são feitos. Plantas e animais, bem como os homens, bebem água; e até mesmo a madeira das árvores tem noventa e oito por cento de água. Quando a água entra em ebulição, o vapor dói tanto quanto o fogo; o raio que põe fogo numa árvore deve ser o mesmo tipo de coisa que o fogo na lareira que faz a água evaporar. Poderia ser o caso de todas as coisas serem feitas de apenas um material elementar?

Verdade, a princípio não parece ser assim. Mas suponha que o universo fosse composto de vários elementos, talvez noventa e quatro. Poderia haver nesse caso alguma razão para precisamente noventa e quatro? Por que não sessenta e um ou cento e cinquenta e dois? Não deve haver nenhuma razão? Se não há nenhuma razão, o universo seria desarrazoado, irracional, e nesse caso não poderia ser entendido. Somente o racional é capaz de ser entendido; e entender é reduzir a multiplicidade à unidade. Eclipses são entendidos quando a lei é formulada, e a lei é a unidade encontrada em todas as ocorrências. Segue-se então que o universo deve, racionalmente deve, ser feito de apenas um material.

O princípio de que a explicação depende da redução de uma multiplicidade à unidade e a noção de que o universo é composto de apenas um tipo de elemento são posições amplas, gerais e filosóficas. Mas quando chega à identificação do elemento material, é difícil dizer, nesse século vinte, se o assunto é filosofia ou ciência especulativa. A antiga teoria dos noventa e quatro elementos costumava ser ensinada sob o nome de química; mas com o avanço da teoria quântica e a divisão do átomo, qual nome será dado à suposição de que o universo é composto, não de materiais, partículas distintas, mas de energia ou um campo de força?

Um bom e antiquado nome é cosmologia. Essa cosmologia moderna é muito similar à visão de Tales em que há uma substância difundida a partir da qual todas as coisas vieram, mas a identificação dessa substância é mais simples em Tales do que é para o nosso próprio século sofisticado. Tales não selecionou a energia ou eletricidade, da qual ele não conhecia nada; ele selecionou a água.

Embora seja difícil, se não impossível, traçar uma linha entre a ciência especulativa e a filosofia, e embora a história da filosofia seja filosofia, a identificação de Tales do material-do-mundo como sendo água é um item de informação física e histórica que alguém pode muito bem considerar sem importância. Alguns educadores dão a impressão de que todos os fatos são sem importância. Eles depreciam a transmissão de informação de professor para

aluno. Nem a aquisição de fatos por catequismos e provas, mas o pensamento independente é o objetivo da educação.

Agora, é verdade que uma capacidade para pensar é mais valiosa do que uma coleção de dados desconexos de informação histórica. E o estudo da filosofia em particular deve exercitar o estudante no pensamento, não meramente na memorização. A melhor forma de estudar filosofia é argumentar; argumentar com o professor na sala de aula e argumentar com os amigos fora dela. Argumentação, séria argumentação, é filosofar. Mas permanece a questão de se um estudante pode pensar ou argumentar seriamente com uma mente vazia. Se é claro que um leigo não pode argumentar inteligentemente sobre a causa e a cura do câncer, é dificilmente menos claro que alguém que seja ignorante da disposição e recursos militares do inimigo é incapaz de argumentar seriamente sobre estratégia e táticas militares. Assim, a forma mais rápida de ser introduzido na filosofia é receber uns poucos fatos. E é um fato que Tales pensava que ele tinha descoberto o fato de que todas as coisas são feitas de água.

[...]

Fonte: *Thales to Dewey: A History of Philosophy*, Gordon Clark, Trinity Foundation, páginas 17-19.